

ATELIÊ: UM MUNDO DE POSSIBILIDADES PARA PROFESSORES E ESCOLA DE EDUCAÇÃO INFANTIL

ATELIÊ: A WORLD OF POSSIBILITIES FOR TEACHERS AND SCHOOL OF CHILDREN EDUCATION

Eliane Aparecida Galvão dos Santos*

Marcele Pereira da Rosa Zucolotto**

Paula Adriana Rodrigues***

RESUMO

O presente trabalho está embasado nas concepções de Freire (2007) e Malaguzzi (1999), promotor de uma filosofia da educação inovadora e criativa nas escolas de Reggio Emilia na Itália e um dos idealizadores do projeto educacional e espaço criativo, rico em materiais em que são desenvolvidas as múltiplas linguagens das crianças, conhecido como Ateliê. Busca-se analisar as contribuições que este ambiente rico em diversidades poderá trazer à aprendizagem das crianças na educação infantil, bem como a importância do papel dos professores neste espaço e na escola. Além disso, o presente estudo busca investigar a importância da organização de materiais e espaços pensados para atender as necessidades das mesmas; reconhecer a escola como mediadora do processo de aquisição de conhecimentos, resolução de conflitos e diversidades sociais. A escola possui um papel fundamental na vida dos indivíduos, pois é um espaço formador de experiências, conhecimentos, sentimentos e ideias compartilhadas entre todos que fazem parte deste contexto. Neste ambiente o professor atua como facilitador do diálogo, da ação conjunta e da construção do saber pela criança.

Palavras-chave: Ateliê. Crianças. Escola. Professores.

ABSTRACT

The present work is based on the conceptions of Freire (2007) and Malaguzzi (1999), promoter of a philosophy of innovative and creative education in the schools of Reggio Emilia in Italy and one of the creators of educational project and creative space, rich in materials in which are developed the multiple languages of children, known as Ateliê. The aim is to analyze the contributions that this environment rich in diversity can bring to learn of children in early childhood education, as well as the importance of the role of teachers in this space and in school. In addition, the present study sought to investigate the importance of organizing materials and spaces designed to meet their needs; recognize the school as a mediator of the process of knowledge acquisition, conflict resolution and social diversities. The school has a fundamental role in the life of individuals, because it

* Pedagoga. Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (UFN). elianeagalvao1@gmail.com

** Psicóloga. Mestre e Doutora em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Adjunta do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana (UFN). marcelepr@hotmail.com

*** Pedagoga. Especialista em Psicopedagogia Clínica Institucional (UNINTER). Aluna do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens pela Universidade Franciscana (UFN). profepaulaatelie@gmail.com

is a space that creates experiences, knowledge, feelings and ideas shared among all that are part of this context. In this environment the teacher acts as a facilitator of dialogue, joint action and knowledge building by the child.

Keywords: Ateliê. Children. School. Teachers.

Introdução

Este artigo pretende viabilizar uma análise voltada às práticas pedagógicas dos professores de Educação Infantil que utilizam de espaços tais como o Ateliê que, de acordo com Loris Malaguzzi, promotor de uma filosofia da educação inovadora e criativa nas escolas de Reggio Emília na Itália, é assim definido:

O atelier, em nossa abordagem, é um espaço adicional dentro da escola, onde é possível explorar com nossas mãos e nossas mentes, onde podemos refinar nossa visão através da prática das artes visuais, trabalhar em projetos ligados a atividades planejadas em sala de aula, explorar e combinar ferramentas, técnicas e materiais novos (MALAGUZZI, 1999, p. 152).

Ao propor o espaço do Ateliê, Malaguzzi (1999, p. 84) afirma: "Queríamos mostrar como as crianças pensavam e se expressavam, o que produziam e inventavam, por meio de suas mãos e de sua inteligência". Desse modo, neste espaço do ateliê, as crianças poderiam manipular e trabalhar com botões, tecidos, velas, retalhos de papéis, diferentes tipos de grãos, sementes, pedaços de madeira, lã, vidros, arames encapados, além de objetos comuns: mesas de espelho, mesas de luz, pincéis, diferentes tintas, cavaletes, tesouras, régua e muitos outros. Todos estes recursos deveriam ser livremente manipulados e explorados pelas crianças para que pudessem se expressar amplamente.

Nesse ambiente diversificado de materiais, a intencionalidade é criar possibilidades de concretizar as fantasias infantis e trazer a criança em seu pleno processo de desenvolvimento como o principal protagonista deste processo. Entende-se, com isto, o quanto o ateliê busca promover "[...] ao máximo a ideia da diversidade, incentivando uma nova pedagogia que enfatizasse a subjetividade (e interconectividade) da criança" (GANDINI et al., 2012, p. 191).

Além disso, neste espaço educacional, as crianças são vistas como plenamente competentes que, por meio da sua autonomia, buscam se desenvolver através do diálogo e da interação com os outros, da cultura e da comunidade nas quais estão inseridas, sendo os professores guias deste processo.

A finalidade deste projeto educacional [...] é produzir uma criança reintegrada, capaz de construir seus próprios poderes de pensamento através de uma síntese de todas as linguagens expressivas, comunicativas e cognitivas. Contudo, a criança reintegrada não é um investigador solitário. Ao contrário, os sentidos e a mente da criança precisam da ajuda de outros para perceberem a ordem e a mudança e descobrirem os significados das novas relações. A criança é um protagonista (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 1999, p. 303).

Nesse contexto, o papel do professor se torna fundamental, ao colocar-se como ouvinte, observador, desafiador, mas também como aquele adulto experiente que deverá centralizar ações na provocação de oportunidades compartilhando emoções intensificadas pelas crianças. De acordo com Malaguzzi (1999, p. 76):

[...] os relacionamentos e a aprendizagem coincidem dentro de um processo ativo de educação. Ocorrem junto por meio das expectativas e habilidades das crianças, da competência profissional dos adultos e, em termos mais gerais, do processo educacional. Devemos incorporar em nossa prática, portanto, reflexões sobre um ponto decisivo e delicado: o que as crianças aprendem não ocorre como um resultado automático do que lhes é ensinado. Ao contrário, isso se deve em grande parte à própria realização das crianças como uma consequência de suas atividades e de nossos recursos.

Na Educação Infantil é importante destacar que a escola não deve se limitar à instrução, ou seja, à transmissão de informações e de conteúdos por um adulto. A criança deve também aprender a pensar criticamente. Sob esse enfoque, outro autor que evidencia em suas obras a preocupação com uma educação que esteja aliada à construção de pensadores autônomos é Paulo Freire (2007). Para o autor, a ação educativa acontece na relação educador e educando, mas é permeada pelo desejo incessante que aguça a curiosidade, que traz a dinâmica de aprender com significado, em que o educador saiba o que vai ensinar e, portanto, estimula o aluno a perguntar e a conhecer.

Freire (2007) caracteriza a relação professor-aluno como uma relação de respeito e intercomunicação, por meio da qual o professor poderá fazer e trazer mudanças na aprendizagem e na vida de seus alunos. Dessa maneira, a tarefa dos professores é criar contextos sociais, políticos e educacionais que atendam às necessidades das crianças e dialoguem com o seu potencial de construção dos direitos humanos.

Nesse contexto, importante acrescentar que os direitos das crianças estão assegurados conforme a Lei Federal 9394/96 – Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional, Resolução nº 5, de 17 de Dezembro de 2009, a qual fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, seção II, artigo 29, que ressalta a

importância da educação infantil como primeira etapa da educação básica e tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até cinco anos, em seus aspectos físico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 1996).

Também é evidenciada na lei que todas as crianças devem ter o tempo de desfrutar de sua infância por meio de brinquedos e brincadeiras, pois através da ludicidade, são estimuladas suas potencialidades como a criatividade, a autonomia, a criticidade, a expressão, a linguagem e também os aspectos afetivos, cognitivos e sociais.

Nesse sentido, a educação deve ser pensada levando em consideração todo o seu contexto para promover o desenvolvimento integral das crianças, ou seja, para alcançar esse objetivo, deve-se pensar em todo um ambiente educacional voltado para a Educação Infantil, considerando as ações pedagógicas, a rotina e o espaço educativo. Deste modo, faz-se urgente refletir sobre o espaço na educação infantil, trazendo a necessidade de que o mesmo seja propício a explorações e que possa oportunizar às crianças pleno desenvolvimento e produção de conhecimentos.

Nesta direção, este estudo pretende mostrar as infinitas possibilidades que se abrem ao inserir um espaço educativo como o Ateliê de Malaguzzi na Educação Infantil, bem como caracterizar a importância do papel do professor neste espaço. Além disso, o presente estudo busca investigar a importância da organização de materiais e espaços pensados para atender as necessidades das mesmas; reconhecer a escola com um papel fundamental na vida dos indivíduos, pois é um espaço formador de experiências, conhecimentos, sentimentos e ideias compartilhadas entre todos que fazem parte deste contexto.

1 Marco teórico

1.1 Ateliê: um mundo de possibilidades

Com a ideia de trazer mudanças significativas no ensino e na aprendizagem para crianças pequenas e aliada a uma perspectiva de sujeito criativo, Loris Malaguzzi criou o ateliê, que foi estabelecido como parte do projeto das escolas de Reggio Emilia. Considerado como um agente transformador das práticas educativas, o ateliê configura-se como um espaço de possibilidades, de criatividade, autonomia, de descobertas e ludicidade que possui variedades de materiais como, por exemplo, elementos da natureza e materiais recicláveis.

O ateliê, antes de tudo, é uma metáfora da ideia de escola entendida como grande laboratório, oficina das ideias e de práticas educativas, que acolhe e amplifica as abordagens e os olhares criativos de adultos e crianças. Outra metáfora é a das cem linguagens, entendendo por linguagens todas as formas cognitivas e expressivas que oferecemos às crianças; são linguagens possíveis no seu processo de crescimento individual e de grupo (a linguagem verbal, gráfica, musical, poético-metabólica, do corpo etc.) (BASSI, 2007, p. 6).

As “cem linguagens da criança” (MALAGUZZI, 1999) referem-se, portanto, a infinidade de linguagens e formas de manifestação de ser criança. Cada criança tem infinitas maneiras de manifestação própria e, conseqüentemente, muito mais que “cem” linguagens comunicativas. O número cem é o valor simbólico utilizado por Malaguzzi (1999) a fim de dar significado e valor próprio a estas maneiras de as crianças se expressarem. Afirma-se, com isso, a importância idêntica de todas as maneiras de expressão, não apenas ler, escrever e contar, que se tornaram aquelas mais obviamente necessárias na atualidade.

Nesse enfoque, o ateliê é um espaço em que a criança cria com as próprias mãos, um lugar de sensibilização, exploração, um ambiente planejado para conectar as crianças com o mundo.

[O ateliê] tinha que ser um lugar que favorecesse os itinerários lógicos e criativos das crianças, um lugar para se familiarizar com semelhanças e diferenças entre as linguagens verbais e não verbais. O ateliê tinha que emergir como o sujeito e o intermediário de uma prática multifacetada; tinha que provocar situações específicas e interconectadas, possibilitando transferir o novo conhecimento adquirido sobre a forma e o conteúdo da experiência educacional cotidiana (GANDINI et al, 2012, p. 22).

Nesse ambiente criativo, a quantidade e variedade de elementos e materiais cuidadosamente organizados e classificados chama a atenção em prateleiras, facilitando a apreciação e o manuseio pelas crianças e demais apreciadores, pois este ambiente é conhecido como um espaço que fala e veicula mensagens, o lugar em que as cem linguagens das crianças são respeitadas e desenvolvidas, linguagem estas para expressar e comunicar, fazendo parte do processo de aprendizagem.

O ateliê serve a duas funções. Em primeiro lugar, ele oferece um local onde as crianças podem tornar-se mestres de todos os tipos de técnicas, tais como pintura, desenhos e trabalhos com argila –todas as linguagens simbólicas. Em segundo lugar, ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação (VECCHI, 1999, p. 130).

Nessa direção, entende-se que é de extrema importância que os profissionais docentes, principalmente aqueles que atuam na Educação Infantil, estejam capacitados, atualizados e preparados para trabalhar com o lúdico em seus meios de trabalho. Nessa perspectiva:

Os profissionais deveriam ser capacitados para a prática lúdica, tendo as instituições educacionais que investir nos seus educadores, proporcionando uma formação que os levasse a incorporar o lúdico em suas propostas pedagógicas, ressaltando que seu uso não é uma perda de tempo, mas um parceiro (OLIVEIRA; KISHIMOTO; PINAZZA, 2009, p. 113).

Inserir a prática lúdica no cotidiano educacional requer uma dedicação diária no planejamento pedagógico, que deve ter objetivos claros, além de um cuidado com a organização do espaço físico e com a seleção de materiais que serão oferecidos às crianças. Para este propósito, deve ser levada em consideração também a faixa etária com a qual vai se trabalhar, para que sejam planejadas atividades que possibilitem o desenvolvimento integral do sujeito.

Sob essa ideia, remete-se ao planejamento do ateliê, que deve pensado conjuntamente com o grupo de crianças. Tem-se a responsabilidade de documentar, registrar, por meio de fotografias, filmagens, escuta e falas das crianças, seus maiores interesses por determinados assuntos e, assim, pensar sobre determinados temas com a professora referência, para então surgirem os projetos desenvolvidos no ateliê com o grupo de crianças.

Nessa perspectiva, a utilização do lúdico neste espaço surge como maneira de compreender como a criança aprende e permite a ela se expressar livremente de forma prazerosa e agradável. Dessa forma, pode-se dizer que o lúdico é uma ferramenta que aguça a criatividade e a imaginação das crianças e torna a aprendizagem significativa através da aquisição do conhecimento mediante o prazer do brincar.

Vechi (1999, p. 126) acrescenta: “descobri como a criatividade é parte da formação de cada indivíduo e como a leitura da realidade é uma produção subjetiva e cooperativa, e isso é um ato criativo”. Essa criatividade pode ser vista no ambiente do ateliê quando as crianças pequenas deixam transparecer por meio da expressividade de seus corpos, da brincadeira, o prazer e a diversão de poder explorar e criar num processo autodirigido de aprendizagem.

Nesse sentido, o ateliê deve ser um espaço planejado para proporcionar e favorecer relacionamentos entre docentes, crianças e, inclusive com os pais, para se

trabalhar em grupo, pesquisar, descobrir coisas novas, oportunizar o intercâmbio social, a comunicação e a cooperação para que, coletivamente, as crianças construam seu conhecimento de mundo. Nesse ambiente, o papel do professor é de extrema importância, pois ele atua como mediador do processo de ensino-aprendizagem, tópico que veremos a seguir.

1.2 O papel do professor e a escola na atualidade

A educação não pode ser reduzida àquilo que o professor oferece, mas deve ser um processo que desenvolve o indivíduo como um todo, ao considerar o contexto cultural e ambiental no qual ele está inserido.

Dessa maneira, a tarefa do professor na Educação Infantil não está apenas em falar, explicar e transmitir conteúdos, mas preparar e dispor um ambiente acolhedor preparado para receber as crianças em sua plenitude. Nessa concepção, compete ao professor ajudar a desenvolver a vida da criança, facilitando-lhe a expressão do potencial de que é portadora, mediando o caminho para a descoberta de si e de suas potencialidades. A escola que assim compreende a função do educador é aquela que investe na formação de seus docentes e, por essa razão, compreende o educador e a educadora como aquele que:

Se permite a dúvida em torno do direito, de um lado, que os meninos e as meninas do povo têm de saber a mesma matemática, a mesma física, a mesma biologia que os meninos e as meninas das “zonas felizes” da cidade aprendem, mas de outro, jamais aceita que o ensino de não importa qual conteúdo possa dar-se alheado da análise crítica de como funciona a sociedade (FREIRE, 2000, p. 44).

Desse modo, o papel da escola nos dias atuais é, por meio de seus educadores, fazer com que o educando participe do seu grupo ativa e afetivamente, apropriando-se de valores, crenças, conhecimentos significativos tanto para si como para o outro, tornando-se uma pessoa consciente e responsável pela transformação da realidade em que está inserido, pois o ser humano é alguém capaz de se modificar e está sempre em processo de transformação. Essa transformação começa desde a educação infantil, mediada pela figura do professor até atingir um grau de maturidade.

Com relação a esta ideia, sabe-se que muitos teóricos e as próprias políticas da educação infantil referendam que a Educação Infantil “faz parte da educação básica, mas não tem como objetivo o ensino e, sim, a educação das crianças pequenas” (CERISARA,

2004, p. 8). Entretanto, nesse estudo “compreende-se o ensino como fonte de desenvolvimento e evidencia-se a importância das condições de vida e educação e da intervenção do adulto” (MARTINS; DUARTE, 2010, p. 189).

Nesse enfoque, o papel do docente é de extrema relevância, pois é através dele que é mediado o conhecimento e a organização da atividade da criança, promovendo assim seu desenvolvimento. Nessa relação, sempre deve existir mais do que o profissional: devem existir trocas sociais e afetivas que alicerçam a formação das pessoas envolvidas no processo ensino-aprendizagem. Percebe-se o quanto ensinar e aprender não são somente atividades escolares. São ações que ocorrem durante a vida inteira, em todos os lugares, em todas as idades e geram mudanças nas pessoas envolvidas nesse processo.

Nesta direção, Freire (2007) evidencia a importância da afetividade entre professor-aluno e da boa relação que o professor deverá criar com seus educandos, de respeito e ética profissional, não se referindo a uma “autoridade superior” frente ao aluno, mas uma forma de construir uma relação de diálogo e trocas de conhecimento.

Segundo Gadotti (1999, p. 2), o educador para pôr em prática o diálogo, não deve colocar-se na posição de detentor do saber, deve antes, colocar-se na posição de quem não sabe tudo, reconhecendo que mesmo um analfabeto é portador do conhecimento mais importante: o da vida.

Nesse sentido, o aprender se torna mais interessante quando o professor consegue despertar a curiosidade do educando e o interesse por querer instigar mais sobre determinado assunto. Conforme Freire (2007, p. 86):

Antes de qualquer tentativa de discussão de técnicas, de materiais, de métodos para uma aula dinâmica assim, é preciso, indispensável mesmo, que o professor se ache “repousado” no saber de que a pedra fundamental é a curiosidade do ser humano. É ela que me faz perguntar, conhecer, atuar, mais perguntar, re-conhecer.

Ainda para o autor,

[...] o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar. Seus alunos cansam, não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (FREIRE, 1996, p. 96).

Dessa maneira, o professor deve buscar educar para as transformações, para a autonomia, trabalhando para a formação de um cidadão consciente de seus deveres e de suas responsabilidades sociais. E, neste sentido, a escola deve ser um lugar de trabalho,

de ensino, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar.

Nesse enfoque, a construção da escola que se deseja é a que oferece uma educação em que as pessoas vão se completando ao longo da vida, uma educação capaz de ouvir as pessoas, participando dessa realidade, discutindo-a, e colocando como perspectiva a possibilidade de mudar a realidade.

Você, eu, um sem-número de educadores sabemos todos que a educação não é a chave das transformações do mundo, mas sabemos também que as mudanças do mundo são um quefazer educativo em si mesmas. Sabemos que a educação não pode tudo, mas pode alguma coisa. Sua força reside exatamente na sua fraqueza. Cabe a nós pôr sua força a serviço de nossos sonhos (GADOTTI, 1991, p. 126).

Com isso, pode-se pensar que a realização de uma prática pedagógica não deve se limitar ao nível da escola, mas também se torna fundamental a inserção na comunidade dos sujeitos e a valorização da experiência cotidiana como agente transformador da vida de um povo. Segundo o autor:

É preciso que a educação esteja – em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos – adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história [...] uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjugue (FREIRE, 2006, p. 45).

Para ele, a escola se apresenta como local privilegiado à libertação, pois é pela possibilidade de debater, discutir, dialogar que se alcançará a compreensão sobre a realidade circundante, e assim, ser possível, escrever a história das mudanças e das transformações.

Nessa perspectiva, a escola deve ser um espaço formativo, aberto e de conexão, um local em que se integrem as pessoas e que inclua toda a humanidade, um local onde se construam valores de cidadania, de mundo. De acordo com Mosé (2013, p. 83):

O século XXI caminha em direção a uma escola na qual o aluno seja ouvido e considerado. Uma escola para o aluno, dirigida para o seu desenvolvimento, tendo como alvo a vida em todas as suas dimensões. Uma escola na qual a arte, a filosofia, a ética, estejam presentes que não precisem de cinquenta minutos na grade curricular; ou melhor, uma escola que não tenha grade curricular, mas temas, assuntos, questões. Uma escola que não se acovarde diante das perguntas mais difíceis, como a morte, o tempo, a dor, a violência, a discriminação social, étnica, religiosa, mas que construa espaços nos quais essas questões sejam discutidas, pensadas. Enfim, uma escola viva, alegre, corajosa, sempre aberta a novas questões.

E, para que as mudanças que ocorrem na sociedade atual possam ser acompanhadas, é preciso um novo profissional do ensino, ou seja, aquele que valorize a investigação como estratégia de ensino, que desenvolva a reflexão crítica da prática e que esteja sempre preocupado com a formação continuada.

Para mudar o modo de pensar e o fazer pedagógico, o docente necessita da oportunidade de vivenciar novas experiências, novas pesquisas, novas formas de ver e pensar a escola. Portanto, o grande desafio do educador é buscar subsídios teórico-práticos para o exercício da docência, para a compreensão de que o conteúdo a ser trabalhado é uma síntese da humanidade, e que ao ser considerado relevante, conduz o discente a transitar por ele, provocando inquietações que o fazem avançar ainda mais. Atribuir sentido ao programa curricular, organizando, criticando, relacionando o objeto de conhecimento e a realidade.

Sendo assim, uma das oportunidades de se oferecer subsídios teórico-práticos para contribuir com o desenvolvimento de seus discentes é a busca por materiais e espaços capazes de atender as necessidades e capacidades das crianças. E sob esse ponto de vista o Ateliê se coloca como um espaço que colabora amplamente para o desenvolvimento das capacidades das crianças.

2 O ateliê, o professor e a escola: reflexões

Ao se propor trabalhar com o projeto educacional denominado de Ateliê por Malaguzzi (1999), entende-se que a prática do professor, juntamente com as concepções de escola precisam ser revistas. Torna-se fundamental que se possa pensar a prática dos professores neste ambiente e na escola como aquilo que busca transformar sujeitos, oportunizando experimentações, coletividades, trocas significativas, diálogo e respeito.

Por meio do Ateliê, o papel do professor se torna fundamental na escola, pois este será o personagem que, distando-se de um mero e inoperante transmissor de conteúdo, irá trazer o suporte necessário e essencial para que o educar na escola se traduza em formar cidadãos que consigam refletir ética e criticamente sobre suas condições.

O Ateliê traz as condições para que sejam experimentadas uma grande diversidade de sensações, impressões e criações e, com isso, ele se torna um ambiente onde as crianças podem ser muitas coisas. Através da ludicidade, é possível que crianças se tornem seres autônomos em seus meios, é possível que possam explorar seu ambiente e colocar-se como protagonistas de seus processos de aprender e de viver em coletividades.

Com o Ateliê, a aprendizagem que o professor almeja para seu grupo de crianças pode se fortalecer e ainda favorecer o surgimento de cidadãos engajados em fazer parte de seus contextos, seja escolar ou não. Além disso, a vivência no Ateliê poderá mobilizar outros contextos e oportunizar outras maneiras de enxergar e trabalhar o ensino e aprendizagem com as crianças que, por natureza, são ativas e necessitam de atividades que estimulem a diversidade, novas formas de expressão e o seu potencial criativo.

No espaço do Ateliê, os professores devem ser observadores e pesquisadores. Eles devem sentar juntos com as crianças para discutirem e refletirem. Faz-se tão importante o papel do professor no oferecimento de um ambiente, de materiais e de equipamentos estimulantes para as crianças, deixando-as fazerem suas próprias escolhas, mediando o conhecimento e trazendo a elas novos questionamentos a fim de instiga-los a resolverem os problemas que surgem nos seus cotidianos e, assim, colaborando na formulação de novas pesquisas.

E, sob esse aspecto, entende-se o Ateliê como um espaço de múltiplas possibilidades que instiga os docentes e as crianças potencializando a imaginação, a criação, a fantasia e a troca de aprendizagens significativas e experiências de mundo valiosas entre adultos e crianças.

Para os professores, esse espaço proporciona elementos importantes para pesquisar e verificar o desenvolvimento das crianças, os percursos dos projetos entre outros. [...] ele ajuda que os professores compreendam como as crianças inventam veículos autônomos de liberdade expressiva, de liberdade cognitiva, de liberdade simbólica e vias de comunicação. O ateliê tem um efeito importante, provocador e perturbador sobre ideias didáticas ultrapassadas (GANDINI et al, 2012, p. 191).

Por meio de discussão teórica, constatou-se o quanto a escola possui um papel fundamental na vida dos indivíduos, ao colocar-se como um espaço formador de experiências, conhecimentos, sentimentos e ideias compartilhadas entre todos que fazem parte deste contexto. Neste ambiente, o professor deve atuar como facilitador do diálogo, da ação conjunta e da construção do saber pela criança.

Considerações Finais

O presente estudo buscou analisar as contribuições do espaço do Ateliê no desenvolvimento da aprendizagem das crianças na educação infantil, bem como a importância do papel dos professores na escola. Também buscou investigar a importância

da organização de materiais e espaços pensados para atender as necessidades das mesmas, reconhecendo a escola como mediadora do processo de aquisição de conhecimentos, resolução de conflitos e diversidades sociais.

Após os estudos sobre o Ateliê, foi possível perceber que esta proposta educativa é extremamente rica para se pensar a prática pedagógica para a Educação Infantil, pois permite às crianças experimentarem, levantarem hipóteses e desenvolverem autonomia, mostrando como os professores devem planejar e se envolverem nos projetos que são desencadeados nesse ambiente.

Esta prática diferenciada na educação infantil motiva a entender a necessidade da criança de ser encorajada a explorar o ambiente em que está inserida, que é rico em possibilidades e a expressar-se através das múltiplas linguagens. Além disso, este projeto educativo chamado Ateliê também faz refletir sobre a importância do papel do professor nesse espaço atuando como mediador das práticas educativas. A construção do saber permeado pela mediação dos professores leva a criança a criar, a se expressar, a elaborar metas, vencer obstáculos, a antecipar resultados, reformular hipóteses, formular estratégias que despertem o interesse dos sujeitos, sendo estas atividades imprescindíveis para o seu crescimento e desenvolvimento pessoal.

Desse modo, a urgência em refletir sobre o espaço na educação infantil coloca a necessidade de que o mesmo seja favorável a explorações e que contribua para que as crianças possam alcançar pleno desenvolvimento e produção de conhecimentos. Nesse sentido, o Ateliê como proposta educacional ressalta o quanto a educação deve ser pensada levando em consideração todo o seu contexto para promover o desenvolvimento integral das crianças.

A escola, juntamente com seus professores, tem um papel formador fundamental na vida dos sujeitos que mantém laços e vivências ali. Entretanto, este papel poderá ser otimizado com a prática do Ateliê, por este ter a capacidade de auxiliar no desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade, colaborando de forma significativa na construção subjetiva como um todo, em seus diversos fatores: motor, cognitivo, afetivo e social da criança.

Referências

BASSI, L. **Reggio Emília: uma experiência inspiradora**. 43. ed. Brasília, DF: DPE/SEB, 2007. (Revista Criança do Professor de Educação Infantil).

BRASIL. Lei Federal nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Rio de Janeiro: Imprensa Federal, 1996. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.

CERISARA, A. B. **Por uma pedagogia da educação infantil:** desafios e perspectivas para as professoras. São Paulo: SME DOT/ ATP/ DOT, 2004. (Caderno Temático de Formação II – Educação Infantil: construindo a Pedagogia da Infância no município de São Paulo)

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da indignação:** cartas pedagógicas a outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

_____. **Pedagogia da esperança.** 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

_____. **Educação e mudança.** 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

GADOTTI, M. **Convite à leitura de Paulo Freire.** São Paulo: Scipione, 1999.

_____. **A Educação na Cidade.** São Paulo: Cortez; 1991.

GANDINI, L.; HILL, L.; CADWELL, L.; SCHWALL, C. **O papel do ateliê na educação infantil:** a inspiração de Reggio Emilia. Porto Alegre: Penso, 2012.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L. e FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

MARTINS, L. M.; DUARTE, N. (orgs). **Formação de professores:** limites contemporâneos e alternativas necessárias. São Paulo: Editora UNESP/Cultura Acadêmica, 2010. Disponível em: <<https://static.scielo.org/scielobooks/ysnm8/pdf/martins-9788579831034.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2018.

MOSÉ, V. **A escola e os desafios contemporâneos.** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

OLIVEIRA, F. J.; KISHIMOTO, M. T.; PINAZZA, A. M. **Pedagogia(s) da infância:** dialogando com o passado; construindo com o futuro. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VECHI, V. O papel do atelierista. In: EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança:** a abordagem de Reggio Emilia na Educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. p. 129-141.